



NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO E TELECOMUNICAÇÕES — SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO

CINCO ANOS A APRENDER A LIBERDADE SE TEM DE HAVER FISCAIS TAREFA É DOS GUINEENSES

O quinto aniversário do 14 de Novembro proporcionou um dos encontros mais felizes, mais frutuozos, do Povo Guineense com o seu líder, General de Divisão, João Bernardo Vieira. Autor de um discurso de inspiração directa e popular, Nino conseguiu estabelecer com a multidão, que incessantemente o vitoriou, uma sintonia de grande dimensão moral: porque falou a linguagem da Verdade e das verdades.

Foi uma bela jornada, aquela que a população de Bissau, reforçada por compatriotas de outras regiões, teve o privilégio de viver na Praça dos Heróis Nacionais. Este discurso de Nino Vieira foi, essencialmente, uma conversa baseada em factos, datas, pessoas, comportamentos, números, êxitos, dificuldades — enfim a história recente do nosso País iluminada pela corajosa sinceridade do seu Dirigente máximo.

Nino recomendou vigilância, e, referindo-se à Corrupção de grande envergadura, lembrou que, se tem de haver fiscais na nossa sociedade, então que o sejamos todos nós, Guineenses.



ONG PRIVILEGIAM SECTOR AGRÍCOLA

A filosofia da intervenção das Organizações Não-Governamentais, que privilegia as forças produtivas — as quais tem uma participação activa na transformação do seu meio — e os sectores onde se concentra a maioria da população, vai ao encontro das preocupações exprimidas e dos problemas encontrados no país.

Reconheceu-se, na Conferência, que decorreu em Bissau, que a actuação das Não-Governamentais deve ser consentânea com os esforços dispendidos pelo Governo para a mudança estrutural da economia guineense e, estar de acordo com a estratégia de desenvolvimento delineada. (Pág. 8)

KABI O POVO ESTÁ CONTIGO



Ontem, hoje, amanhã e sempre com Nino Vieira, foi a tónica das intervenções proferidas quarta-feira à tarde, em Bissau, numa manifestação espontânea promovida pelas organizações de massas do PAIGC, em que milhares e milhares de pessoas quiseram demonstrar o seu apoio total e incondicional ao General de Divisão, João Bernardo Vieira que, conseguiu a tempo dismantelar uma tentativa de golpe de Estado que Paulo Correia e seus cobardes cúmplices pretendiam levar a cabo.

Este acto foi igualmente uma oportunidade do povo guineense manifestar o seu firme propósito de combater pela unidade nacional e pela reafirmação da dignidade de guineenses. (Pág. 3)

FALHADA
TENTATIVA
DE GOLPE
NA LIBÉRIA

(Pág-12)

CONTINUA
VIOLENCIA
NA ÁFRICA
DO SUL

(Pág-11)

Balatá

Centros de saúde em dificuldades

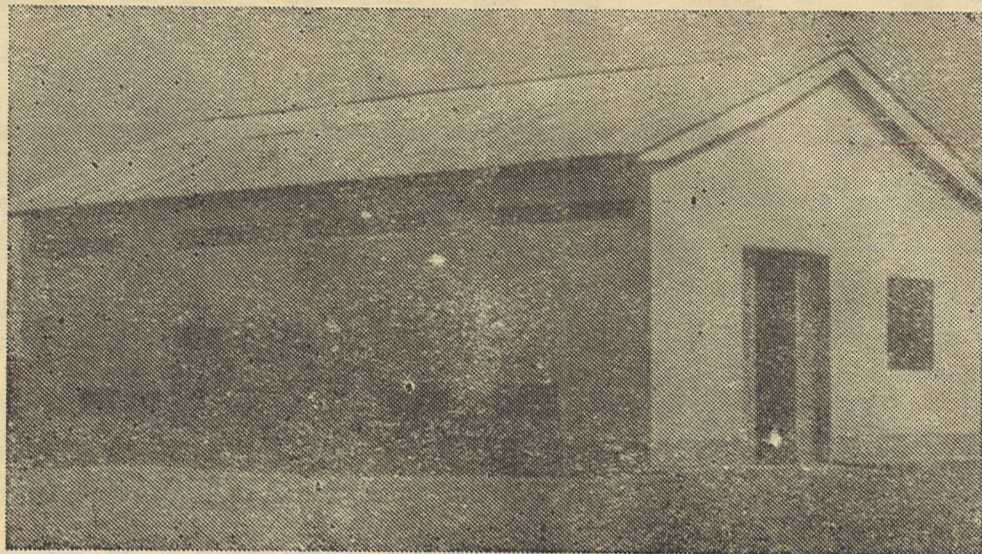
Os centros de saúde da região de Bafatá enfrentam grandes dificuldades, nomeadamente a falta de peças sobressalentes e combustível para as viaturas destinadas ao serviço dos cuidados primários da saúde na zona Norte de Bafatá.

Este problema foi debatido numa reunião efectuada em Bafatá que contou com a presença de José Pedro e Justino Monteiro director e enfermeiro chefe daquela unidade hospitalar do leste e ainda, do representante do Centro de Estudo Canadiano para a Cooperação Internacional, Hugo Alberto.

O representante do CECI visitou recentemente os projectos de saúde de base da referida região financiados desde 1984 por aquele organismo internacional.

Bolama

Fábrica Titina Silá retoma actividade



Aspecto exterior da fábrica

A fábrica de sumos e compotas Titina Silá de Bolama que se encontrava avariada à quatro meses, recomeçou as suas actividades desde o passado dia 5 do corrente, afirmou Luís F. Monteiro, director daquela unidade fabril.

Os trabalhos da reparação da fábrica, foram ministrados pelo técnico da direcção geral da energia do Ministério

dos Recursos Naturais e Indústria, camarada Carlos Morais. A fábrica que há uns dois anos para cá tem tido «grandes problemas técnicos» o que provocou igualmente a baixa de produção, aliada à chegada tardia dos trabalhadores a Bolama, por falta de meios de transporte.

Falta de combustíveis, avaria do próprio barco que transportava

as frutas da região de Tombali para a empresa, são também outros factores influentes na baixa de produção, o que resultou um atraso de nove meses de vencimento aos seus funcionários.

Recorde-se que a fábrica iniciou o seu funcionamento em 1978, e é financiada pela Holanda.

Delegações das ONG visitam Cacheu

As delegações das organizações não-governamentais que se encontram no país no quadro da primeira conferência da ONG cujos trabalhos tiveram lugar em Bissau, visitaram a região de Cacheu e o projecto da unidade de pequena produção popular de cerâmica de Calequisse.

As delegações das ONG estudaram as possibilidades de financiar o alargamento do centro, financiado por SWAISSED da Austrália num montante de um milhão de florins. Estão igualmente em construção dez unidades de pequenas instituições

de produção, oficinas de apoio e ainda uma fábrica de sabão em Cadejugute.

A missão que era composta pelos representantes de Espanha, Portugal, Bélgica, e Holanda, visitaram esse projecto que produz prioritariamente, pastas, carteiras, e sandálias.

Esse projecto (U.P.A.A.), único do género no país, necessita de doze mil duzentos e cinquenta peles de cabra por ano, com dez funcionários efectivos e 34 mulheres a título voluntário.

O novo hospital regional de Canchungo encontra-se à uma semana sem água, devido a avaria da eletrobomba que abastece o referido centro.

Esta situação está longe de se resolver, visto que a electro-bomba aí instalada, encontra-se no estado de velhice, que dificulta os técnicos na sua reparação.

Trabalho voluntário

«Cau de sucunã cá tem» é o título de um trabalho voluntário organizado pelo Comité de Estado da cidade de Bolama em apoio às decisões do Conselho de Estado e do Bureau Político do PAIGC, em relação à atitude fraccionista de Paulo Correia.

«Com este trabalho voluntário queremos mais uma vez reafirmar

o nosso total apoio aos princípios do PAIGC e lutar ao lado daqueles que querem a unidade do povo guineense sob a direcção do General de Divisão, João Bernardo Vieira, Secretário-Geral do PAIGC, e Presidente do Conselho de Estado», indicou o presidente do Comité do Partido e Estado do sector de Bolama, Idrissa Só.

Gabú prepara encontro inter-regional

O secretariado da J.A.A.C. da região de Gabú reuniu no dia 5 com o objectivo de formar uma comissão responsável pelos preparativos do 4.º encontro inter-regional do Leste e de Biombo, a ter lugar em Fevereiro na mesma cidade.

A comissão é compo-

ta por 8 elementos que vai ser presidida por Laurindo Daramé 2.º secretário da JAAC na região.

A referida comissão tem por objectivo incrementar acções com vista ao sucesso daquele evento em que a região de Cacheu será convidada a assistir como observador. Ainda durante a reunião, os participantes analisaram outros assuntos ligados com a actual situação da organização a nível da região, bem como a necessidade de participação activa dos seus militantes nas iniciativas

da JAAC e nas tarefas que lhe são incumbidos quanto à realização do 4.º congresso do PAIGC em Novembro próximo. A reunião foi presidida pelo camarada Califo Djaló, membro do Conselho Central da JAAC e 1.º secretário da organização na região.

Jardim infantil Josina Machel em mau estado

A jardim escola Josina Machel em Bolama, encontra-se num estado crítico que não permite o seu bom funcionamento neste ano lectivo, afirmou a directora Serafina da Góia numa entrevista à ANG.

Essa responsável que falava sobre a actual situação da escola, disse que, as instalações do jardim encontram-se em mau estado devido à

falta de reparação e os tetos em estado de ruínas, associando a falta de infraestruturas, nomeadamente espumas, o que contribui para que as crianças dormissem em conjunto, bem como vários outros materiais. «Ao que se refere às refeições, sempre temos grandes problemas com a sua distribuição devido à falta de louças originando assim, que se-

jam feita em conjunto. A falta de canalização de água que se verifica, dificulta os trabalhos de manter a higiene na escola».

No que se refere ao abastecimento de géneros alimentícios até aqui não houve problemas devido à boa colaboração do Programa Alimentar Mundial, que os fornece trimestralmente, precisou Serafina da

Góia, apelando depois às autoridades competentes a analisarem atentamente os problemas que actualmente se depara no jardim.

Ainda em Bolama, os membros do secretariado regional da UDEMU, reuniram no dia 6 para analisar assuntos concernentes à 5.ª reunião do Conselho Nacional da UDEMU a ter lugar brevemente em Bissau.

Conferência do Partido

A conferência do Comité do Partido do sector de Bedanda terminou domingo os seus trabalhos com várias recomendações relativas ao melhoramento das infraestruturas sócio-económicas no sector.

Os militantes do referido sector decidiram

na conferência fazer os possíveis no sentido de melhorar a estrada que liga as diferentes secções da zona, a construção da sede do Partido e ainda recomendaram às instâncias competentes a instalação de um departamento de registo civil e uma viatura para as actividades do P.A.I.G.C.

JORNAL NÔ PINTCHA AV. DO BRASIL, C.P. 154 - BISSAU - ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO E TELECOMUNICAÇÕES - SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO - TELEFONES: 21 37 13/28.

Director em exercício: João Quintino

Chefe de Redacção em exercício: Carolina Morgado

Redacção: Aniceto Alves, Armando Conté, Armando Barbosa Sammy, António Ialá, António Tavares, Conco Turé, Humberto Monteiro, Justiniano Mendonça, Luís Alberto Ferreira, Mamadu Djau, Mateus da Silva, Odete Cardoso, Pedro Albino, Paulo Nanque, Simão Abina. Maquetagem: Cândido Camará, Fernando Júlio, Manuel Júlio, Rita Capucho. Fotografia: Agostinho Sá, Brandão Bull da Mata, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel da Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes.

Secretaria de Redacção: Eurfdice Gama, Ivete Monteiro, Inácia Pereira. Administração e Vendas: Ângela Reis, Beatriz Lacerda, Ernesto Cá.

NÔ PINTCHA

V aniversário do 14 de Novembro no Leste

O tribalismo não é prática do PAIGC

As avenidas e ruas das duas capitais do leste nomeadamente Gabú e Bafatá foram palco de manifestações políticas, artísticas que marcaram as comemorações do V aniversário do Movimento Reajustador do 14 de Novembro. Bafatá e Gabú reuniram, sob um sol escaldante, mais de 15 mil manifestantes para expressarem o seu apoio ao PAIGC e ao Governo liderado pelo General de Divisão, João Bernardo Vieira, símbolo da unidade guineense. Também, como reportamos nas outras páginas, todas as regiões do país realizaram grandiosos comícios populares.

As populações do leste condenaram com veemência a conspiração encabeçada por Paulo Correia, afirmando os seus apoios incondicional ao governo de Nino Vieira que, ao povo guineense, restituiu liberdade e a dignidade há cinco anos atrás.

Os cinco anos de liberdade e de dignidade restituída ao povo guineense foram igualmente cinco anos de progressos significativos para as populações do leste. Foram concebidos projectos importantes de grande envergadura cujos resultados hoje são visíveis e correspondem às preocupações da população desta zona que vêem assim melhoradas as suas condições de vida. Alguns destes projectos são, abastecimento das águas rurais da Zona-II, poços para as populações e hidropastorais, algodão e mancarra entre outras realizações sócio-económicas, culturais e desportivas.

Na região de Bafatá foram construídos cerca de 100 furos e poços dos quais 85 para as populações e 15 para o gado, duas pontes de betão armado que permitiram uma maior ligação da região com o resto do país e ainda habitações para funcionários públicos etc.

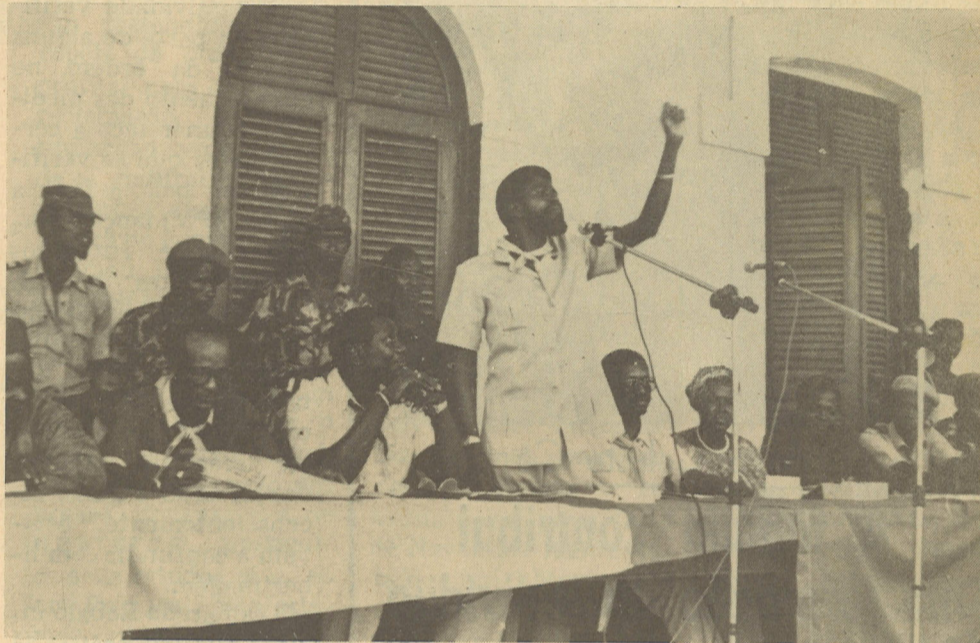
Na região de Gabú no quadro dos esforços do governo foram concebidos projectos de grande dimensão sócio-económica como o projecto orizícola de Carantaba que actualmente produz na média uma tonelada de arroz em cada hectare e enquadra cerca de 365 famílias camponesas. Foi construído um Liceu regional com a capacidade de mais de 100 alunos e também beneficia de uma grande rede de saúde de base que atinge quase toda a extensão territorial entre outras realizações de carácter sócio-económico, político e cultural que estão a contribuir para o benefício do povo.

Com estas e mais outras realizações o povo do leste manifestou neste aniversário de 14 de Novembro de 1985 que o PAIGC é a força política dirigente da sociedade.

Nos comícios de Bafatá e Gabú o camarada Tiago Aleluia Lopes, membro do BP do P.A.I.G.C. e Presidente da Comissão Nacional da Verificação e Controlo do CC do Partido, disse, a respeito da conspiração de Paulo Correia que se tratava «de

ambição de poder e de enriquecimento» para acrescentar depois que «o tribalismo e o racismo são os modelos que os corruptos utilizam para atingir os seus objectivos».

Por outro lado, apelou às populações a dedicarem mais à agricultura sublinhando numa das suas passagens que «o bem-estar do povo está no trabalho agrícola» e, acrescentou que «com a fo-



me só há intrigas e desunião e, com efeito, não há liberdade nem progresso».

Por seu turno, o camarada Amaro Correia, presidente do Comité do Partido e Estado da região de Bafatá disse «o PAIGC revitalizado num processo de profundas transformações revolucionárias, foi nestes cinco anos o motor de todo o desenvolvimento nos do-

mínios político, económico e social do país.

Do seu lado, Malam Bacai Sanhá, presidente do Comité do Partido e Estado de Gabú sublinhou que «a revolução é para beneficiar o povo e portanto fazer a justiça. O PAIGC fez justiça». E salientou ainda que «com a fome não há verdade que triunfa e, por isso, a população deve empenhar na tarefa da produção».

Do seu lado, Malam Bacai Sanhá, presidente do Comité do Partido e Estado de Gabú sublinhou que «a revolução é para beneficiar o povo e portanto fazer a justiça. O PAIGC fez justiça». E salientou ainda que «com a fome não há verdade que triunfa e, por isso, a população deve empenhar na tarefa da produção».

Do seu lado, Malam Bacai Sanhá, presidente do Comité do Partido e Estado de Gabú sublinhou que «a revolução é para beneficiar o povo e portanto fazer a justiça. O PAIGC fez justiça». E salientou ainda que «com a fome não há verdade que triunfa e, por isso, a população deve empenhar na tarefa da produção».

Na manifestação de apoio da população de Bissau

Ontem hoje amanhã e sempre com Kabi



A nossa frente vemos crianças com rosto cheios de esperança. Atrás, vemos elementos das FARP, das nossas gloriosas FARP. Mais atrás, vemos também uma multidão de populares. Todos, também muito esperançosos num futuro melhor.

Vieram manifestar ao Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado Kabi, o seu indefectível apoio, a sua solidariedade. É um gesto bonito, mas que não nos causa qualquer surpresa. Elegeram-no há bem pouco tempo para o cargo de primeiro magistrado da Nação, por confiarem nele. Portanto é lógica que viessem numa situação dessas para o encorajar a prosseguir no bom caminho que ele vem percorrendo.

(Mário Cabral na manifestação espontânea dos populares do Sector Autónomo de Bissau, realizada quarta-feira à tarde, defronte do Palácio da República.

A UDEMU, vanguarda das mulheres da Guiné-Bissau, está a frente, atrás e sempre com o PAIGC. Apoio incondicionalmente o camarada Kabi e condena aqueles que pretendem dividir o nosso povo...

Ontem, na luta, a Revolução triunfou graças à unidade nacional. Não havia problemas de raça. Mesmo aqueles que o PAIGC armou sabiam bem que a arma que tinham nas mãos destinava-se à defesa dos interesses do nosso povo. A UDEMU deseja, para a Pátria de Cabral: paz sossego, progresso e felicidade para todos os seus filhos. Ajudemos Kabi, porque ele está no bom caminho.

Esta é a síntese das intervenções proferidas durante a manifestação espontânea dos militantes do Partido e das Organizações de Massas e populares da nossa capital que decorreu quarta-feira em Bissau.

Milhares de pessoas que gritavam «Estamos contigo Kabi» quiseram desta forma manifestar o seu apoio total e incondicional ao General de Divisão, João Bernardo Vieira que conseguiu, a tempo, desmantelar uma tentativa de golpe de Estado que Paulo Correia e o seu grupelho pretendiam levar a cabo, movidos por uma ambição desmedida e em detrimento da unidade nacional e da dignidade do povo guineense razões pelas quais Nino Vieira saiu à rua na noite de 14 de Novembro de 1980.

Os discursos políticos de representantes das organizações de massas e do Partido antecederam e fecharam com os «tam-tans» dos tambores bem manejados por artistas tradicionais de alto gabarito. Era um dia de reflexão sobre o

regionalismo, oportunismo, tribalismo e divisionismo e outros males que ameaçam enterrar o nosso processo de desenvolvimento, que ameaçam desviar a atenção de todos os guineenses unidos nesta luta dura e difícil pela reconstrução nacional e pela construção de uma pátria de paz e felicidade.

Mas também foram vividos no manifestação momentos de grande alegria porque o povo guineense está seguro que o 14 de Novembro prosseguirá a sua marcha rumo ao progresso, depois de ter eliminado, mais uma vez, os seus inimigos.

Usaram da palavra nesta manifestação de apoio os camaradas Mário Cabral, do CC do PAIGC, António Borges, presidente do Comité do Partido no SAB, Francisca Pereira, secretária-geral da UDEMU, Adriano Ferreira, secretário-geral adjunto da JAAC, José Saraiva, do secretariado nacional da UNTGC, Djandjan Sambú e Augusto Mango.

Morreu João da Silva

João da Silva, ex-secretário de Estado da Cultura e Desportos morreu terça-feira na sequência de uma tentativa de fuga neutralizada pelos guardas prisionais.

O ex-secretário de Estado que se encontrava detido, segundo um comunicado da segurança, em consequência das denúncias dos principais implicados na tentativa de golpe de Estado encabeçada por Paulo Correia, arrancou do tecto da cela onde se encontrava, duas barras de ferro com os quais tentou, atacando os guardas prisionais, apossar-se de uma arma.

«Estes tiveram portanto que agir e intimidaram-no a render-se. Em consequência, João da Silva foi atingido por balas que lhe provocaram ulteriormente a morte».

O comunicado sublinha ainda que «o acto desesperado praticado pelo traidor João da Silva, só vem provar a sua culpabilidade».

Cara da gente



Maria Celeste Cá

A família contribui na formação do indivíduo

Se a instituição escolar está votada, por essência, à educação e formação do indivíduo socialmente, o meio familiar tem também o seu importante quinhão, cujo reflexo (negativo ou positivo) vem identificando o comportamento futuro do indivíduo na sociedade. Sobre este assunto o «Nô Praça» ouviu Maria Celeste Cá, de 27 anos de idade, doméstica e residente no Bairro de Belém. Para ela o comportamento dos indivíduos na sociedade depende dos conselhos dos pais.

Programa de educação sanitária...

QUE IMPORTANCIA ATRIBUI?

«Este programa ajuda-nos muito, principalmente os que não sabem ler e perceber o português, uma vez que é dada em creche. Tem importância porque se vemos bem, muitas doenças que apanhamos devem-se à falta de conhecimentos. Isto leva-nos a saber tomar medidas preventivas, uma vez que não medimos a maldade».

...Educação tarefa de toda a sociedade.

A FAMÍLIA CONTRIBUI OU NÃO NO PROCESSO EDUCATIVO?

«Claro que sim, contribui. A escola é um meio social e lugar onde os indivíduos vão continuar a receber educação, caso particular das nossas crianças, mas o seu comportamento depende muito da educação que lhe foi dada, no seio da família. Entretanto, estou contra certas ideias que apoiam dizendo que os jovens de agora são insuportáveis porque não recebem uma boa educação na escola».

QUE VALOR ATRIBUI À ALFABETIZAÇÃO?

«Bem, eu posso dizer que a alfabetização tem grande valor no processo da reconstrução nacional, porque só com gente que sabe ler é que podemos entender a nossa revolução. Quer dizer, um exemplo concreto, se muitas das mães soubessem ler, teríamos poucos problemas em aprender as lições da educação sanitária».

Polícia Militar desencadeia operação de rusga contra candongueiros

A passividade verificada da parte de alguns agentes da ordem, no cumprimento das medidas a tomar face a certos males que se verificam no país, a Polícia Militar (PM) lançou uma operação de rusga aos «comerciantes de balcões nos bolsos». Segundo o seu comandante camarada Joaquim Robalo Gomes de Pina, é com vista ao retorno da liberdade, dentro da lei, que alguns, inconscientemente, estavam a confundir com libertinagem.

O camarada Robalo indicou que esta prática já estava a tornar-se num abuso. E por conseguinte uma forma desmoralizadora dos camponeses que em muitas das vezes são obrigados a comprar certos produtos das

mãos desses indivíduos a preço exorbitante.

Ainda conforme o Comandante do PM, os seus agentes como integrantes da manutenção da ordem, embora ligados a um outro ramo, viu que era necessário dar a sua contribuição para pôr cobro a vaga de trepasse (candonga) que se verifica no país, com destaque à situação que se verifica em frente aos Armazéns do Povo, no passeio do Hotel «Nam Tchite».

Esta medida é ainda justificada pelo Comandante Joaquim Robalo Gomes de Pina como forma de libertar um pouco do mau aspecto que toda aquela aglomeração de pessoas sentadas no passeio dava à cidade de Bissau. Num país pobre como o nos-

so, todos os braços são necessários para combater o subdesenvolvimento e vencer a fome e a dependência estrangeira.

Nesta primeira fase, a PM foi compreensivo, devolvendo aos proprietários todos os documentos, o que significa um aviso, pois que da

próxima vez serão tomadas medidas severas.

A finalizar o entrevistado afirmou que a Polícia Militar, como uma força revolucionária, não podia permitir que casos de géneros se verificassem no país, o que não significa um atropelo ou abuso do poder contra a liberdade pública.



Água da chuva não é pura

A água da chuva na sua origem pode ser considerada a mais pura, praticamente destilada, razão pelo que não contém micróbios, nem substâncias estranhas, chega à terra cheia de impurezas.

A água da chuva, no seu ciclo sobre a terra, vem carregada de substâncias e de microorganismos que procedem de distintos sítios: atmosfera, solo, homens, animais, entre outros.

Para esclarecer este assunto, o repórter do «Nô Pintcha» contactou o camarada Fernando Sani, responsável pela Direcção de Higiene e Saneamento do Meio Ambiente, como uma instituição encarregada de velar pelas condições higiénicas a pronunciarem-se sobre tal.

Assim, o Fernando Sani afirmou que: teoricamente a água mais pura, devia ser a da chuva, já que é destilada. A sua origem é de contínua evaporação da superfície da terra, formando nuvens que se

condensam por mudanças de temperatura, precipitando-se em forma de chuva, neve ou granizo.

Mas, a água da chuva ao atravessar a atmosfera, vem carregado de pó e outras partículas em suspensão, incluso micróbios em certos lugares, e chega a superfície da terra com determinado conteúdo de substâncias estranhas, que é variável em quantidade e qualidade segundo as características da zona. A isto ainda pode-se incluir as impurezas dos alpendres das casas.

Entretanto, uma outra razão em que descordamos com os conselhos do locutor, do programa «Educação Sanitária» relaciona-se com a forma de purificação da água, em que aconselha os populares a utilizarem permanganato, cloreto, de potássio, cloro, entre outros, esses produtos, a nosso ver, são inadequados para o alvo a que a mensagem é destinada, ra-

zão porque duvidamos se ela chegará a cem por cento.

Também um outro ponto que nos levou a contactar o camarada Fernando Sani, é a da não tomada em consideração da capacidade de compra dos populares, e mesmo que não seja das dificuldades de compra, esses produtos esgotam-se no mercado nacional ou postos médicos, assim como há falta de conhecimento da forma da sua aplicação.

Portanto, a finalizar, o entrevistado considerou a água da chuva como favorável e prejudicial ao mesmo tempo. Favorável, porque é destilada e potável. Prejudicial, porque falta-lhe os elementos minerais que são os que lhe dão a sua potabilidade e que são necessários para o organismo humano.

Ainda é prejudicial a água da chuva, porque pode receber substâncias químicas nocivas para a saúde ou microorganismos patogénicos. Portanto não devemos beber água da chuva.

Liceu: Reunião com alunos

Uma reunião sobre informações gerais e funcionamento do ano lectivo ora iniciado, foi realizada recentemente no Liceu Nacional Kwame N'Krumah, entre a direcção e os alunos.

No seu improviso, o camarada João Carrington Simões Costa, director da referida escola, disse que a disciplina deve reinar no Liceu, porque não se consegue levar a cabo nenhuma organização com actos de indisciplina.

Por outro lado, a questão da escolha dos comités de turma, mereceu a atenção de Simões Costa, porque, geralmente, os alunos ao fazerem as eleições, optam por simpatia.

«Os alunos devem eleger pessoas capazes de pôr os seus problemas e não votar os que sobressaem mais em actos de indisciplina, pensando que esses são capazes de resolver os seus problemas», venceu.

Telefones úteis

POLICIA: — COP - 1, antiga 1.ª Esquadra — 21 37 49; COP - 2, antiga 2.ª Esquadra — 21 13 65; COP - 3, antiga Polícia Móvel — 21 39 57.

HOSPITAL: — Banco de Socorros — 21 28 66; Maternidade — 21 28 69; Pediatria — 21 22 52.

BOMBEIROS HUMANITARIOS DE BISSAU: — 21 22 22 ou 118.

Farmácias

HOJE — Farmácia dr. João Soares da Gama — Bairro de Belém, telefone 21 34 73.

AMANHÃ — Farmácia Higiene — Rua António M'Baná, telefone 21 25 20.

SEGUNDA-FEIRA — Farmácia 20 de Janeiro — Bairro de Santa Luzia, telefone 21 50 70.

TERÇA-FEIRA — Farmedj n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 21 55 15.

Cacheu

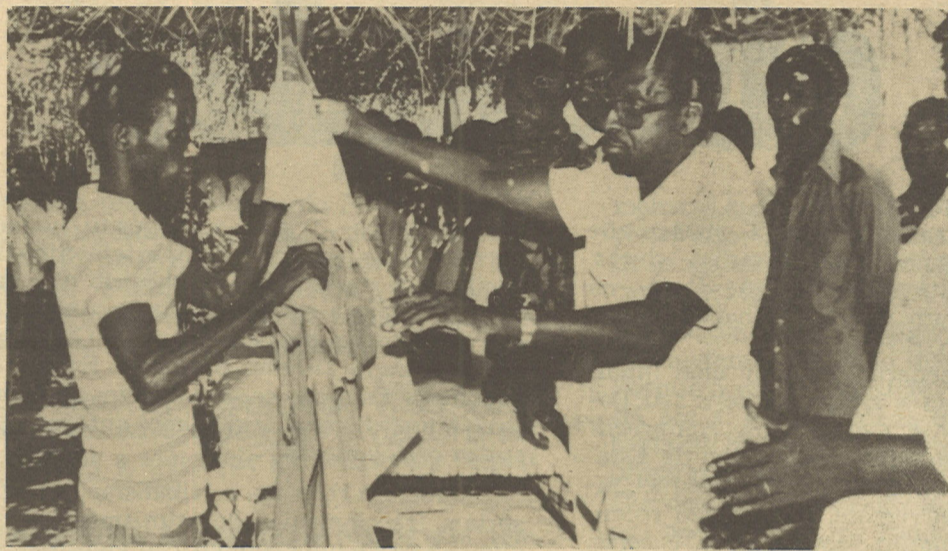
Sempre não aos que perturbam

Djolmete, secção de um dos sectores de Canchungo (Região de Cacheu), foi, quinta-feira, palco das comemorações do quinto aniversário do Movimento Reajustador 14 de Novembro. Foi nessa localidade que um grande número de populares, vindos das diferentes partes daquela região, em gestos não só de festa como também, de profunda reflexão, pronunciaram mais uma vez que «só com Kabi», à frente da revolução guineense, é que podemos encontrar o progresso do país, no reforço a unidade nacional, uma das premissas, talvez a mais importante para a materialização das aspirações do 14 de Novembro.

Assim, num comício popular realizado na secção de Djolmete, cuja abertura foi feita pelo presidente do sector de Canchungo João José da Silva, várias intervenções ressaltaram entre outros aspectos, as causas e razões do 14 de Novembro.

Dentre as intervenções é importante destacar os camaradas Manuel Nandigna e Fidélis Cabral D'Almada, respectivamente, presidente da Região de Cacheu e ministro da Educação, Cultura e Desporto.

Nandigna em deter-



minada passagem do seu improviso suolinhou que o povo deve estar cada vez mais vigilante porque se «ontem pronunciámos não aos colonialistas e ao Luís Cabral, continuámos a dizer sempre não a todos os males e a todos que tentam perturbar os nossos propósitos».

Por outro lado, aquele responsável, após o termo de juramento de 50 militantes da JAAC que a partir daquele momento passam a ingressar as fileiras do nosso Partido, disse que os novos militantes do Partido só podem ser o «coração» do P.A.I. G.C., se revelarem coragem contra quaisquer manobras que visam travar o nosso avanço.

Por seu turno, Fidélis D'Almada, ao encerrar o acto disse que o 14 de Novembro é o dia, da «grande recordação». Com isto pretendeu ele justificar o seguinte: «falar de 14 de Novembro requer, em parte, situar o momento da nossa luta de libertação nacional, onde Cabral nos ensinava que para a materialização de uma revolução, como a nossa, não há que distinguir fulas dos balantas, etc». Entretanto, precisou que não podemos encontrar a felicidade do país «se todos acharem que devemos pegar em armas uns contra os outros».

DJOLMETE — UMA HISTÓRIA DE LUTA

O povo de Djolmete, uma secção que dista 27 quilómetros de Can-

chungo, segundo alusões do Manuel Nandigna, contribuiu duramente para o avanço da luta na área, isto porque, para além de outros feitos relevantes, apoiou militarmente, para infringirmos uma das maiores derrotas «aos tugas, que culminou com a morte do major Passos Ramos, na referida secção».

«Este foi o motivo por que escolhemos Djolmete, para palco das comemorações do aniversário de 14 de Novembro», especificou Nandigna para depois acrescentar que a outra razão é porque «desde a independência, Djolmete não recebeu nenhuma visita de contacto de um alto dirigente do nosso Partido e Governo», o que a leva a uma situação de autêntico isolamento.

Oio

Há gente que não pensa no povo

Centenas de pessoas provenientes de secções e sectores da região de Oio, participaram no comício realizado, em saudação do V Aniversário do Movimento Reajustador do 14 de Novembro, na presença do coronel Manuel dos Santos «Manecas», membro suplente do BP do PAIGC e ministro do Equipamento Social, em representação da Direcção Superior do Partido.

Aquele dirigente do PAIGC, na sua intervenção, fez uma retrospectiva da vida política, social e económica do país, com incidência particular nos objectivos do PAIGC — Partido de Cabral, suas realizações nacional e internacional e fez um esboço da situação que se vive na hora actual.

Ao pronunciar-se sobre o significado desta

data, que é um importante marco na vida e história do povo guineense, assegurou que, o 14 de Novembro foi feito para acabar com injustiças, prisões arbitrárias, matanças, nepotismo e outros factores contraproducentes aos interesses legítimos do nosso povo. Mas, acrescentou que, a razão principal, a mais importante que esteve na origem do Reajustamento, foi esta: o Partido, enquanto Força Dirigente da sociedade, e, que nos libertou da opressão do colonialismo, não marchava bem, não desempenhava o seu papel, o que repercutia na vida política e socio-económica do país, e gerava um clima de mal estar e desorganização em todos os níveis.

Sobre a abortada intentona fraccionista e

traíçoira de Paulo Correia e seu grupo, contra a segurança do estado, o coronel Manecas afirmou que, há gente que não pensa no povo e nos sacrifícios que este consente, nem na nossa terra, nem nos nossos problemas, só pensa na sua barriga, sua ambição e manias.

«Todas as nossas realizações, asseverou Manuel dos Santos, não foram vistas por esse grupo que pretendia usar a amizade que pode existir entre pessoas da mesma tribo, que falam o mesmo dialecto, na forma de tribalismo, para tentar apear um golpe de estado.

A propósito dos sagrados deveres e direitos dos militantes, o coronel Manecas recomendou que, devemos estar vigilantes e preparados con-

tra seja quem for que pretenda alimentar o tribalismo, o divisionismo para espalhar instabilidade no país.

No decorrer do acto, altos responsáveis regionais do Partido e Estado expressaram nas suas intervenções, o seu apoio indefectível, a sua solidariedade e fidelidade ao PAIGC e seu Secretário-Geral Kabi Na Fantcham-na.

Aladje Biagué Sumaré, presidente do comité do Partido e Estado da Região de Oio, ao fazer ponto da situação passada e actual, afirmou que «anualmente nesta data, cada militante, cada filho desta terra, deve meter a mão na consciência para fazer um exame, uma reflexão profunda sobre a importância e significado deste marco importante.

Tombali

Repôr o Partido no seu devido lugar

O acto central das comemorações do Movimento Reajustador do 14 de Novembro na região de Tombali, foi assinalado quinta-feira na tabanca de Tombali de Baixo, concretamente Bucana.

Foi presidido pela camarada Carmen Pereira, presidente da ANP e membro da comissão inter-regional do sul e contou com a presença dos camaradas Humberto Gomes, chefe do executivo regional, Mamadú Cissé, secretário para as organizações de massas do Partido e N'Baná Matche, membro do Conselho de Estado.

Ao abrir o meeting, falou o camarada Jorge Biagué, presidente do comité do Partido e Estado do sector de Catió, que sublinhou, pedindo ao povo de Tombali que desse um maior apoio ao comandante Kabi, para que possamos avançar rumo ao progresso e felicidade para o nosso povo.

Biagué acrescentou ainda que após a independência total do nosso país, as linhas traçadas por Cabral estavam a ser desviadas, o que levou um grupo dos melhores filhos da nossa terra, liderados pelo lendário Kabi, saísse à rua na noite do 14 de Novembro para repôr o Partido no lugar que lhe é peculiar.

Usaram também da palavra, os repre-

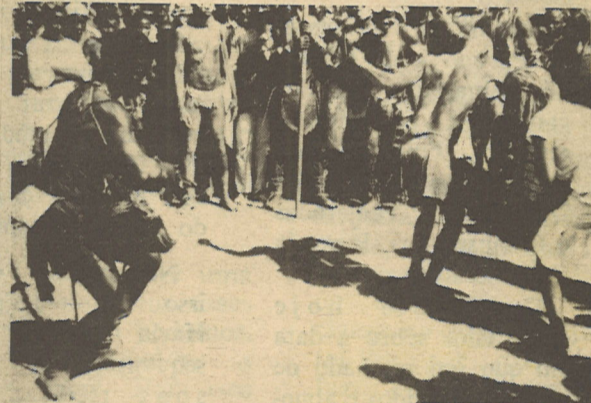
neense começou a viver uma verdadeira independência.

Por outro lado, as organizações de massas do Partido, designadamente a OPAD, UDEMU, UNTG e JAAC de Tombali, endereçaram mensagens de felicitações por ocasião do evento nas quais, juraram seguir o exemplo dos que deram as suas vidas para que o nosso povo conquistasse a independência nacional.

Porém, entrevistou Humberto Gomes, que disse «se o 14 de Novembro falhasse, muita gente poderia pensar que o grupo que levou a cabo aquela acto, tinha ambição de governar, o que não seria verdade, isto porque havia razões de fundo. Era preciso uma reviravolta no processo libertador.

De acordo com Carmem Pereira, «o Partido tinha como objectivo libertar completamente o país e conseguiu-o porque o povo de Tombali esteve sempre ao seu lado, dando o seu contributo».

«Feito o 14 de Novembro, muitos dos camaradas que tinham sido detidos, foram recuperados e alguns deles são directores-gerais» disse Carmen Pereira, para acrescentar que «com isso pode-se constatar que o papel de Nino Vieira foi relevante». Os mesmos tinham que estar presos para que se



sentantes das populações que manifestaram toda a sua adesão ao Movimento Reajustador.

Aqueles velhos combatentes recordaram de que, foi graças ao 14 de Novembro que o povo gui-

mantesse a ordem necessária, na terra. «Cabral dizia que um homem deve ser recuperado, mas quando isso acontece, ele tem que saber o que significa, a palavra recuperação para não agir novamente e cometer erros».

No V aniversário do 14 Novembro

Quem é que antes ousava

O fundo sentimental de um homem não autoriza ninguém a pensar que esse homem tem «coração mole» ou hesita no momento das decisões duras, sim, mas realistas. Foi o que o camarada Presidente Nino Vieira disse, na quinta-feira, à multidão de compatriotas que foram escutá-lo na cerimónia maior das comemorações do 14 de Novembro, em Bissau.

Do emocionante discurso de Kabi, ficam-nos pedaços vivos de uma inteligência que fala a linguagem directa, muito directa e simples, que o seu Povo sabe entender. Ali, na Praça dos Heróis Nacionais, toda a gente compreendeu Nino. O Secretário-Geral do P.A.I.G.C. e Presidente do Conselho de Estado ofereceu à consideração de todos, amigos e inimigos, uma formidável radiografia, nela aparecendo as vértebras do Passado remoto, do passado recente — e do Presente que estamos vivendo com alguns sobressaltos, é certo, mas com vontade de prosseguir. Esta vontade dimana, como se viu na quinta-feira, do próprio exemplo de Kabi.

Atravessando a curta distância que nos separa do regime anterior ao 14 de Novembro, o general João Bernardo Vieira, sublinha o alcance das propostas do 14 de Novembro e recorda que não havia, no reinado de Luiz Cabral, quem ousasse manifestar-se com clareza e desassombro. «Não sou mais homem do

que os outros», frisou, a propósito, o corajoso timoneiro da grande nau guineense. Nino aponta comportamentos lamentáveis, intrigas, falatórios, jogadas baixas, e descreve o cenário das críticas fáceis à Exigência, levadas a cabo por certos agentes da improdutividade, os que mais exigem, no entanto, convencidos de que as viagens do Chefe do Estado ou dos membros do Governo não passam de simples passeatas. Então, Nino pergunta: «Mas se os responsáveis deste País não se deslocarem, não forem à procura ou ao encontro de pessoas e instituições, organismos internacionais, etc., como poderia o Guiné-Bissau evitar o isolamento?».

Contra o racismo, o tribalismo, o regionalismo, toda a classe de desmandos sociais, fraccionismos, oportunismos e manobras chantagistas, Nino Vieira ergueu a voz de uma condenação vigorosa, deplorando que muitas pessoas não tivessem compreendido as verdadeiras razões e finalidades do 14 de Novembro.

Lança um olhar demorado na direcção do que tem sido o comportamento nada edificante de muitos de nós, guineenses, pouco dados à disciplina no trabalho e no respeito pelos equipamentos do nosso património escolar, hospitalar, etc. Manifesta-se chocado perante o egoísmo e a falta de escrúpulos de certos



Viva o PAIGC!... Viva o 14 de Novembro!... Viva o 14 de Novembro!... Viva o Povo Independente da Guiné-Bissau!... Viva o Povo da Guiné-Bissau!... Abaixo o Tribalismo!... Abaixo o Oportunismo!... Abaixo Traidores!... Viva a Unidade Nacional!... Viva a Concórdia Nacional!...

Camaradas dirigentes do Partido e do Governo, camaradas das Organizações de Massas, senhores Embaixadores, Representantes do Corpo Diplomático, camaradas e Compatriotas, Povo da Guiné-Bissau!

Completam-se hoje cinco anos sobre a data em que um punhado de homens decididos e abnegados, prontos a todo e qualquer sacrifício, dando o máximo de si próprios, se levantou para pôr termo a todas as irregularidades, injustiças, todos os desvios na condução política da Guiné-Bissau, país de um Povo heróico, dinámico, trabalhador, empenhado na conquista do seu fu-

gar verdadeiro, orgulhoso da sua dignidade de guineense.

Hoje, também, qualquer cidadão pode exprimir-se livremente em todas as instituições e instâncias: nos comités de base, nas tabancas, nos locais de trabalho, nos conselhos regionais, no Secretariado do Partido e em outras instâncias que existem no País.

Permitir a qualquer cidadão que se sentisse lesado recorrer a esta instância, de modo a que lhe fosse feita justiça, essa foi uma das razões do 14 de Novembro.

No regime deposto, isso não era possível. Havia repressão, e, conseqüentemente, as pessoas recebavam falar. Aliás, estão aqui na tribuna, praticamente, todos os membros do Bureau Político, do Comité Central e do Governo. E eu pergunto: quem tinha a ousadia de pôr os problemas, de dizer a verdade nas reuniões? quem abrisse a boca esperava ou Cumeré ou Portugal.

Foi por causa disso que nos levantámos na noite de 14 de Novembro, dizendo «não, isso não pode ser, não pode continuar mais». Saímos à rua com determinação, com a razão e Deus do nosso lado. Disso tínhamos a certeza, porquanto a nossa acção era despida de ambição. Dai termos aceite correr o risco ou de ficarmos pelo caminho ou chegarmos à meta. Diria ainda que saímos com convicção, com espírito revolucionário, para pôr termo à situação então vigente no país.

Por isso, e como já havia dito, o 14 de Novembro, para nós, visa instituir a paz, a justiça social, a liberdade de expressão, a concórdia nacional, e pôr também fim às arbitrariedades, às execuções sumárias que então se praticavam na nossa terra. O 14 de Novembro foi, também, para permitir outras transformações profundas no nosso sistema económico. Porém, só com paz e tranquilidade será possível

materializar os nossos objectivos. Não é por estar aqui de pé a falar-vos (reafirmo mais uma vez que não sou ambicioso, nem orgulhoso), mas estou convicto de que se o poder continuasse nas mãos de Luiz Cabral não haveria nenhum guineense que ousasse encabeçar um grupo de pessoas para o derrubar.

Aliás, durante o regime de Luiz Cabral, a certa altura os meus ouvidos estavam cansados de ouvir as seguintes reprimendas: o Nino é que faz tardar o Luiz no poder, ele que aceitou esta situação insustentável. Um dia desses cheguei a perguntar a um camarada: «será que sou mais homem do que tu? Creio que somos todos homens, camarada!».

Porém, depois que decidi dar o meu aval aos que queriam mudar a situação então vigente na nossa terra, exigí que tal fosse feito com muita inteligência, de maneira a poupar vidas humanas. Em prova disso, cito a ausência de

derramamento de sangue. Não houve mortes como várias vezes acontece noutros países, onde se registaram centenas e centenas de mortos, transportados em vários camiões para os cemitérios. Defendi esta posição desde a primeira hora, exigindo aos camaradas que evitassem o emprego de processos me nos ortodoxos e que pudessem causar a morte a quem quer que fosse.

Entretanto, depois do 14 de Novembro, a primeira coisa que as pessoas (muitas), disseram foi a de que corremos com caboverdianos, «djintis burmedjo», criolisticamente (guit, de pele clara — mestiços). Mas não foi para defender a cor de A, B ou C que saí à rua na noite de 14 de Novembro. Também não saí à rua nessa noite para correr com ninguém, pelo contrário. Saí à rua para devolver a tranquilidade, a paz necessária para as pessoas desenvolverem o seu trabalho. Essa manifestação racial diminuiu um pouco no decorrer do tempo.

Por último, passou-se a constatar uma certa indisciplina, anarquia, corrida ao poder, ambição, que levaram algumas pessoas a esquecerem-se dos Princípios do Partido, outras a esquecerem-se da razão da luta e outras ainda, a equivocarem-se relativamente às razões da nossa vitória: a Unidade Nacional.

Se não houvesse Unidade Nacional, a nossa terra ainda não seria independente.

Só eu sei aquilo por que passei durante a mobilização e organiza-

ção do nosso povo para a luta armada. Estive envolvido em riscos diversos. Mas não os vou especificar. Direi apenas, que o povo das áreas aonde desenvolvi as minhas tarefas é testemunha dos riscos por que passei. Todavia, aceitei desafiar esses perigos não porque fosse bijagós, papel ou balanta. Isso passou-se também com muitos companheiros meus. Arriscamos a nossa pele, pela causa guineense, por sermos guineenses. Porque confiamos no nosso Partido de vanguarda, o PAIGC. Porque confiávamos, também, no nosso líder incontestável, Amílcar Cabral. Queríamos ver o Partido implantado em todos os cantos da nossa terra, para que o nosso povo, para que acontecesse hoje em dia, vivesse por dentro o PAIGC. Porquê? Porque o Partido conseguiu fazer do povo guineense um povo unido, sem distinção de raça, de cor ou de religião, e conduzi-lo numa luta difícil contra o colonialismo português, que venceu.

Falando ainda da anarquia e de outros males, designadamente falta de cumprimento de horários do trabalho, pouca produção e desleixo que vimos observando após o 14 de Novembro, ignorados pelo nosso povo, entretanto muito exigente e sempre a pedir coisas e mais coisas, pergunto:

Vamos passar todos os anos a compôr as janelas, portas, carteiras e outros materiais necessários para o funcionamento de uma escola? Todos os anos constatamos faltas de vários materiais didáticos e hospitalares. As escolas, durante as férias, são completamente

Kabi conversou com o seu povo

fazer golpes de Estado?

comerciantes, de certos elementos cúmplices dos Armazéns do Povo. «O açambarcamento é mais perigoso que um golpe de Estado», afirma o general Kabi.

Chamou à corrupção «uma arma muito perigosa». Naturalmente. Por isso mesmo, à volta de Kabi, em certas esferas, o ambiente começou a esmalear-se de inimigos. «Mas sem razão de ser», disse o general, «porque estou apenas defendendo um princípio». E logo acrescentou, de forma pedagógica: «Quem prende é a Lei, não é Nino».

O Presidente é o Presidente, mas não é fiscal. Ele próprio, Nino Vieira, o disse neste seu discurso transparente e corajoso. A verdade é que a vigilância deve ser exercida por todos os cidadãos. Porque a sociedade guineense diz respeito a todos os guineenses.

Finalmente, entra no tema das controvérsias e dos golpes baixos que têm procurado ferir ou destruir o 14 de Novembro.

Paulo Correia, João da Silva, Braima Bangurá e... Luís Cabral, aparecem, por momentos, no cenário do discurso de João Bernardo Vieira. Este é um dos trechos mais valiosos da alocução do Presidente Nino: contém advertências aos jovens, aponta os nexos mais tenebrosos de certas «coincidências» golpistas, de-

destruídas. Há os que roubam cadeiras, os que subtraem janelas e portas. Esta prática tem sido constatada igualmente nos hospitais, onde se roubam lençóis, talheres e, inclusive, máquinas de costura. É constante.

Perguntamos: será que o povo não dá importância a esses males? A pergunta é pertinente, porque quando os referidos objectos não aparecem, quando faltam, ouvimos dizer que o Governo não vale, ou, simplesmente, Nino não está a governar como deve ser. Não é verdade, é mentira! Sei o que vocês querem. Estamos a envidar diariamente esforços para criar as condições que pretendem. Porém, vocês têm a obrigação de as defender. Se não o fizerem, eu sozinho, não as posso defender.

Outro facto que vimos constatando, também, traduz-se no seguinte: fazemos esforços tremendos para criar bem-estar, pôr no país géneros de primeira necessidade, mas meses depois desaparece tudo. Desaparece (com cumplicidade de algumas pessoas responsáveis): arroz, óleo alimentar, tecidos e inclusive mercúrio nos laboratórios hospitalares que são arrombados. A maior parte destes produtos são vendidos fora do nosso país. Tem sido assim: nós a esforçarmo-nos e a sermos apoiados pela comunidade internacional na tarefa de melhor servir o povo, de criar as bases para o nosso desenvolvimento, e pessoas há que ousam cometer desvios para os seus interesses pessoais. Como é possível haver desenvolvimento com

essa gente pelo meio que o povo conhece perfeitamente?

Como é possível um saco de arroz de 50 quilos vendido nos nossos estabelecimentos comerciais ao preço de 2 500,00PG custar nos «clandós» 5/7 mil pesos? É verdade ou mentira? (povo em coro: verdade). Vêem essas práticas ou não (povo: vemos). Porquê que não mandam prender os prevaricadores?

Formulamos outra pergunta: o «Na Mintchit» (bar reconstruí-

riamente os patamares do «Na Mintchit», ainda inactivo. O que é que vão lá fazer? («produtos para irem revender, respondeu a multidão»). Camaradas, aconselhamos os frequentadores do «Na Mintchit» a acabarem com essa prática, porque podem ir parar ao hospital e ter de pôr gesso nas gargantas por causa das suas constantes espereitadelas para cima e para baixo.

Não constitui dúvida para ninguém que aqueles que passam

monstra que também lá de fora não têm faltado contribuições sinistras para desestabilizar a Guiné-Bissau. O 14 de Novembro, porque erradicou o medo institucionalizado (eis o pensamento de Nino), até permite que apareçam, agora, com alardes, uns sujeitos que, «Antes não ousavam fazer golpes de Estado».

Realmente: de onde lhes virá a iniciativa, a inspiração? Desmascarados, «prometem» que «não matariam». Sentem-se assim tão à vontade, porquê? Porque o regime transige. E porque «Nino é mole?». Não. «Nino não é mole». Há por aí gente fardada que pode testemunhá-lo. Durante a luta armada de libertação nacional, não foram poucos os combatentes que observaram a energia propulsora de Kabi. Um Estadista que hoje se sente «mais duro que o ferro». Disposto a não transigir mais — como ta mbém não transigem os ambiciosos, os oportunistas, os traidores que pretendem agitar as bandeiras esfarrapadas dos tribalismos e dos fraccionismos.

E Nino aceita as pesadas tarefas e responsabilidades que a História depositou sobre os seus ombros de combatente e patriota. Um homem como Nino não se considera insubstituível. Essa pretensão anda na cabeça dos mediúres, dos auto-convencidos. Nino, todos nós o sabemos, vale aquilo que vale.

necessidade, para irem vender legalmente nos seus estabelecimentos.

Porém, muitos, depois de adquirirem os bens de primeira necessidade, optam por vendê-los nos «clandós» a preço exorbitantes. Essas práticas, creiam, são ainda mais perigosas do que um golpe de estado. Por isso vamos ser intransigentes no seu combate (ovação). Consideramo-las uma forma de matar as pessoas lentamente, através da fome. Como já disse, vamos combater essa

aonde se exige mais e mais, pergunto: o que é que foi feito? No entanto, pede-se cada vez mais coisas ao Governo mais coisas para a satisfação da boa vinda, hábitos adquiridos na época colonial. Por vezes, as críticas que se fazem ao governo cingem-se à azeitona ou ao azeite oliveira. Há os que faltam, que se queixam de não poderem tomar as refeições com vinho. É verdade. Têm razão. De facto foi uma das heranças pesadas legadas pelo governo colonial português. Mas se não o podermos arranjar, Nino não o têm. Quem têm são vocês próprios (ovação).

Existe um outro aspecto fundamental, também, na nossa vida. Trata-se do ensino. Nenhum país se pode desenvolver com analfabetos. O desenvolvimento consegue-se com quadros capazes que se entreguem, diariamente, a essa tarefa. Entretanto, nenhum país se desenvolve só com quadros superiores. O desenvolvimento consegue-se, sim, com quadros superiores, médios, bons carpinteiros, bons mecânicos, bons ferreiros e outros.

Se não houver uma junção de todos esses quadros não podemos, jamais, desenvolver a nossa terra. Por isso não devemos pensar, nunca, que só teremos valor na nossa sociedade quando formos doutores, engenheiros. É mentira. Todo e qualquer cidadão tem o seu valor na nossa sociedade, desde que produz e aumente a sua produtividade diariamente. Isto porque muitos engenheiros e

doutores talvez não produzam, em muitos casos, como os quadros médios, que são normalmente os executores. São esses conselhos que o nosso povo deve reter na memória.

Há reformas operadas no ensino, em prejuízo de alguns, mas que nos dão maiores garantias relativamente ao futuro, que é o que mais nos preocupa.

Lembro-me perfeitamente de um acto de vandalismo ocorrido logo após o 14 de Novembro, perpetrado por um grupo de estudantes do Liceu Nacional Kwame N'Krumah: partiram vidros, cadeiras, carteiras. Estragaram tudo, só porque se adoptou um sistema de avaliação mais rigoroso, que permitisse concluir se o aluno assimilou bem as matérias que lhe foram leccionadas. Isso, no fundo, para bem do próprio estudante. Porém, houve quem assim não entendesse. Entretanto, quando visitei Portugal, um dos elementos participantes nesse acto, Josué, estudante-bolseiro no Porto, abordou-me na reunião que tive com os nossos estudantes naquela cidade portuguesa, pedindo que me esforçasse no sentido de introduzir a 12.ª classe no país. Perguntei-lhe por que devia fazer isso e ele respondeu-me dizendo que a maior parte dos estudantes entra nas faculdades com um nível baixo. Não domina nem Física nem Química, facto a que professores não dão qualquer importância, limitando-se à explicação normal.

(Continua na página 9)



do, mas ainda inactivo, situado na Avenida Amílcar Cabral, de frente das instalações centrais dos Armazéns do Povo) foi feito com o objectivo de ali se instalarem os serviços de restaurante e bar para aqueles que quisessem tomar um café ou uma limonada, dirigiram-se para lá e saíram-se.

Contudo, apetecemos perguntar se é por causa do café que as pessoas enchem dia-

todo o dia sentados nos patamares do «Na Mintchit» têm combinação com algumas pessoas que trabalham nos Armazéns do Povo (ovação). E espereitam constantemente a verem se os seus cúmplices dão sinal de vida.

Há gente que possui alvarás que lhes confere o direito de levantarem nos Armazéns do Povo uma grande quantidade de arroz, óleo alimentar e outros produtos de primeira

gente, tal como faremos relativamente aos actos de tribalismo, regionalismo, oportunismo. Os traficantes, como se pode concluir, fazem parte da lista das pessoas a combater, no duro (ovação).

Apesar de apelos e mais apelos que fizemos ao nosso povo, só conseguimos atingir o campo, onde os camponeses vêm desenvolvendo trabalho valioso, não obstante a falta de chuvas. Nas cidades,

Na Conferência das Organizações Não-Governamentais

Maior concertação entre Governo, ONG e população

A conferência das Organizações Não-Governamentais realizada de 7 a 10 de Novembro, em Bissau, cujos trabalhos congregaram cerca de 80 delegados estrangeiros e 60 nacionais, constatou uma vertente que já era patente: a concertação entre os intervenientes nos projectos de cooperação — o Governo, as ONGs e a população.

Os bloqueios ou obstáculos que surgem no processo foram revelados pela ausência de concertação entre as três componentes.

O encontro, que decorreu sob a iniciativa do Ministério da Coordenação Económica, Plano e Cooperação Internacional, proporcionou uma análise crítica das acções já empreendidas e o delineamento de novos caminhos de actuação.

A filosofia de intervenção das ONGs, que privilegia as forças produtivas — as quais têm uma participação activa na transformação do seu meio — e os sectores onde se concentra a maioria da população, tendo efeitos mais alargados, vai ao encontro das preocupações exprimidas e dos problemas encontrados no nosso país.

As características sócio-económicas, mas também políticas e culturais das populações da Guiné-Bissau têm provido uma grande sensibilidade às acções das ONGs e algumas delas estão presentes no país desde a Luta de Libertação Nacional.

No entanto, reconheceu-se que a actuação das ONGs deve ser consentânea com os esforços dispendidos pelo Governo para a mudança estrutural da economia guineense, e desta feita, estar de acordo com a estratégia de desenvolvimento delineada.

BALANÇO CRÍTICO DA INTERVENÇÃO DAS ONGs

No leque das recomendações propostas pelos delegados à Conferência, delineou-se que as Organizações Não-Governamentais sejam mais rigorosas no recrutamento de assistentes técnicos, a fim de se evitar os que possuem um elevado número de preconceitos e cuja personalidade não permite acreditar numa adaptação desejável.

Por outro, recomendou-se que o Governo proceda a uma selecção rigorosa dos responsáveis nacionais de projectos de forma a que as

articulações com os nossos parceiros estrangeiros se possam estabelecer da melhor forma.

Após o balanço crítico da intervenção das ONGs, viu-se a necessidade de se proceder à divulgação dos objectivos, formas de organização e estruturas de cada um dos parceiros dos projectos da cooperação, tanto a nível das ONGs, como do Governo e populações, a fim de se permitir um melhor relacionamento e diálogo.

das potencialidades dos quadros nacionais, tais como o conhecimento linguístico e social, e do assistente técnico estrangeiro, conhecimento específico de um domínio.

Os delegados recomendaram, ainda, que se associe representantes da população, e sempre que possível, toda a população, à concretização das iniciativas, tanto na sua fase de elaboração como de avaliação.

das ONGs na Guiné-Bissau.

Os delegados preconizaram que sejam encontradas formas variadas de complementaridade entre as diferentes fontes de financiamento e parceiros económicos da Guiné-Bissau.

SOLIDAMI E A NOVA ESTRATEGIA DE COOPERAÇÃO

Solidami, uma ONG guineense ou um «aper-

A propósito do Solidami e da nova estratégia de cooperação com as ONGs, os delegados votaram que a estrutura de trabalho deste organismo seja, sobretudo, voltada para uma busca constante de coordenação, sem que esta seja limitativa ou condicionante, tanto para as ONGs como para os diferentes organismos estatais.

No balanço final solicitou-se, também, que o Solidami estabeleça com o departamento de desenvolvimento regional e com os gabinetes regionais de planificação, os comités de Estado das regiões e os gabinetes de estudos e planeamento dos ministérios, uma forma de colaboração que lhe permita proporcionar concertações a vários níveis com as ONGs.

Dos pontos agendados, solicitou-se ainda que o Solidami estabeleça, em coordenação com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), um banco de dados sobre os projectos, com documentos prospectivos e analíticos sobre o país, de forma a proporcionar uma fluidez de informações sobre as acções em curso, tanto ao nível nacional como junto de eventuais interessados no estrangeiro.

O modo como se desenvolveu a Conferência e o seu próprio conteúdo foi sentido pelas ONGs de uma forma especial.

Com efeito, além da total liberdade do debate e da vontade de aprendizagem recíproca, foi significativo que o Governo e os responsáveis do nosso país tenham clarificado perante os participantes as travessuras da sua estratégia de desenvolvimento, e que tenham convidado as ONGs para o papel de interlocutores importantes na implementação dessa estratégia.



Aspecto da sessão de encerramento da Conferência

Na procura de uma melhor forma do aproveitamento da cooperação, recomendou-se a utilização

Ainda no quadro do balanço crítico da intervenção das ONGs, a Conferência recomendou a observância das limitações existentes, não pressionando nem romólogos, nem as estruturas a favorecerem o que não é objectivamente possível.

A harmonização das tecnologias e equipamentos importados para os projectos e a opção por técnicas mais simples, facilmente ao alcance e controle de um número maior de intervenientes, foi defendida pelos delegados nas conclusões finais.

E, que o Governo e as ONGs, contribuam tanto do ponto de vista institucional como financeiro para que a autonomização do Solidami se possa concretizar.

Para se proporcionar às populações rurais uma maior participação nas acções de desenvolvimento, a Conferência explicita que o Solidami ajude as diferentes associações a se tornarem ONG sempre que tal corresponda ao verdadeiro interesse das populações.

Na hora das verdades

Na última maratona dos debates extraímos uma amostragem das intervenções, extractos esses que espelham o clima de participação dos delegados.

Assim, Edward White, representante do PNUD, afirmou: «é uma iniciativa positiva. O Governo mostrou-nos o quadro sobre o seu desenvolvimento futuro. T a m b é m, deixou-nos entender que as ONGs são parceiros nobres nessa empresa». Mais: «creio que os delegados têm ainda dúvidas sobre a estrutura do Solidami, as suas funções bem como a colaboração entre as O.N.Gs. e o Governo da Guiné-Bissau».

«O bloco prioritário do Plano Quadrienal de Desenvolvimento não

foi considerado pelas ONGs» — um delegado, quando se debruçou sobre o papel do Solidami. E: «... Solidami dev'ia adoptar uma metodologia de gestão dos projectos».

Para uma classificação objectiva, um dos delegados expôs: «Solidami quer ser uma organização governamental ou não-governamental?...»

Um dos delegados nacionais avançou: «não ficou claro a forma de avaliação dos projectos nas regiões. Para mim, devia ser nomeado um dirigente para supervisionar, em cada região, todos os projectos» — a proposta foi rejeitada por já se incluir nas conclusões finais a articulação dos projectos.

«Para Solidami ter

meios, em que medida o Estado vai contribuir e as ONGs que metodologia irão adoptar? Será nas taxas dos projectos ou haverá uma conferência para estabelecer tudo isso?...» — interrogou-se um dos delegados das ONGs italianas e, a sua sugestão foi rejeitada.

No entanto, a coordenadora do Solidami, camarada Augusta Henriques avançou em explicações, sobre o financiamento do Solidami que obteve a aprovação dos delegados.

O representante do Burquina Faso (muito ovacionado), ponderou: «o documento final parece incompleto sobre a determinação filosófica e o tipo de desenvolvimento a levar a cabo na Guiné-Bissau.

Kabi conversou com o seu povo

(Cont. das centrais)

Perguntei-lhe se tinha consciência daquilo que me dizia. Fi-lo lembrar que ele fora dos que reagiram contra a avaliação que introduzimos. Repondeu afirmando que tinha pensado e reconsiderado.

Interrogo: quantos estudantes mandámos para o Senegal e que não conseguiram qualquer aproveitamento? Regressaram, quase todos eles, por insucesso. Adoptámos um sistema de avaliação mais exigente porque pensamos no futuro. Não queremos ter no país maus médicos, que, ao operarem um paciente lhe cortem um vaso sanguíneo, que possa causar a morte deste.

Não é, igualmente, nossa pretensão termos engenheiros que construam uma casa e passados seis meses ou um ano ela desabe e caia em cima das pessoas fazendo vítimas. Noutros países, a verificar-se uma situação dessas os seus autores são julgados e muitas vezes mortos. Por isso queremos evitar correr esses riscos

graves, mas queremos também defender o prestígio do país.

Vamos criar condições àqueles cujas idades ultrapassam o limite estabelecido, para frequentarem cursos profissionais, muito válidos para o desenvolvimento do país.

Voltando à questão das bolsas de estudo, quero alertar os nossos jovens para o seguinte: as bolsas de estudo que vimos distribuindo têm sido à custa do Governo do nosso povo. Na época colonial, quantos estudantes beneficiavam de bolsas de estudo? Hoje em dia recebemos bolsas de estudo de todos os cantos do mundo, como Nação guineense.

No que concerne aos quadros já formados, a desculpa que davam antes do 14 de Novembro era a de que tinham medo de regressar por causa das represálias que, eventualmente, pudessem sofrer por parte do regime deposto.

Depois do 14 de Novembro, apelámos a toda a nossa comunidade e quadros guineenses radicados no estrangeiro

para que regressassem, se fôsse essa de facto, a sua vontade. Enviámos, inclusive, missões para contactos, mas até à data ninguém veio. Porém, existem em Portugal muitos compatriotas nossos médicos, engenheiros e enfermeiros. Dos estudantes que contemplámos com bolsas de estudo, depois da sua formação uns regressaram e outros ficaram. E os que ficaram são os que mais nos criticam; dizendo o país não presta, não progride, não sei o quê mais.

Sabem como levar o país à frente, que venham, e deixem Lisboa porque ela não é a sua terra (ovação). Mas quem vier, que não venha com confusões.

Penso que a razão porque eles não vieram é o facto de pensarem que estando em Portugal e com a vida que levam, chegados a Bissau, o mínimo que podem ser é director-geral ou ministro. Só que o quadro de ministros tem um número limitado, e por conseguinte nem toda a gente pode ser ministro. O mesmo se

passa no quadro de directores-gerais. Primeiro há que dar provas e só depois reclamar o lugar pretendido. Aliás, depois de prestadas as provas nem é preciso reclamação, porque a promoção virá com toda a naturalidade. Como prova disso, temos jovens no governo: Bartolomeu, Regalla, Bernardino e outros, que depois de concluídos os estudos regressaram, deram provas e foram chamados a integrar a equipa governamental.

Outra pretensão dos nossos jovens é a de quererem prosseguir os seus estudos só e só em Portugal. Não estamos contra. Só que é preciso ter em conta a situação económica portuguesa, que sofre os efeitos, também, crise económica mundial. O governo muitas vezes é obrigado a entrar com uma subvenção para criar condições mínimas, porquanto os estudantes consideram insuficiente a soma previamente estipulada, porque querem uma boa casa e bons fatos. Se tivéssemos que garantir essas

condições para todos os que mandamos estudar no exterior, creio que todos iríamos estudar, porque não haveria dinheiro para vivermos no país.

Lê-se nos jornais críticas de que vivem mal mas esquecem-se por completo de que não há nada no mundo que se consiga sem sacrifício.

Condenamos todos aqueles que não quiseram aproveitar a abertura que lhes deu o 14 de Novembro da concórdia nacional, procurando desestabilizar o governo e este povo. O 14 de Novembro não se trata de um Movimento que tem por objectivo defender A, B ou C, mas sim um movimento para restaurar a paz, a justiça, a concórdia e a unidade nacional no nosso país. Por isso, qualquer que seja a pessoa que deseje ver-nos desviar desses princípios, vamos combatê-la com todos os meios de que dispomos. O que desejamos é a paz, a amizade e a cooperação entre Estados e Povos.

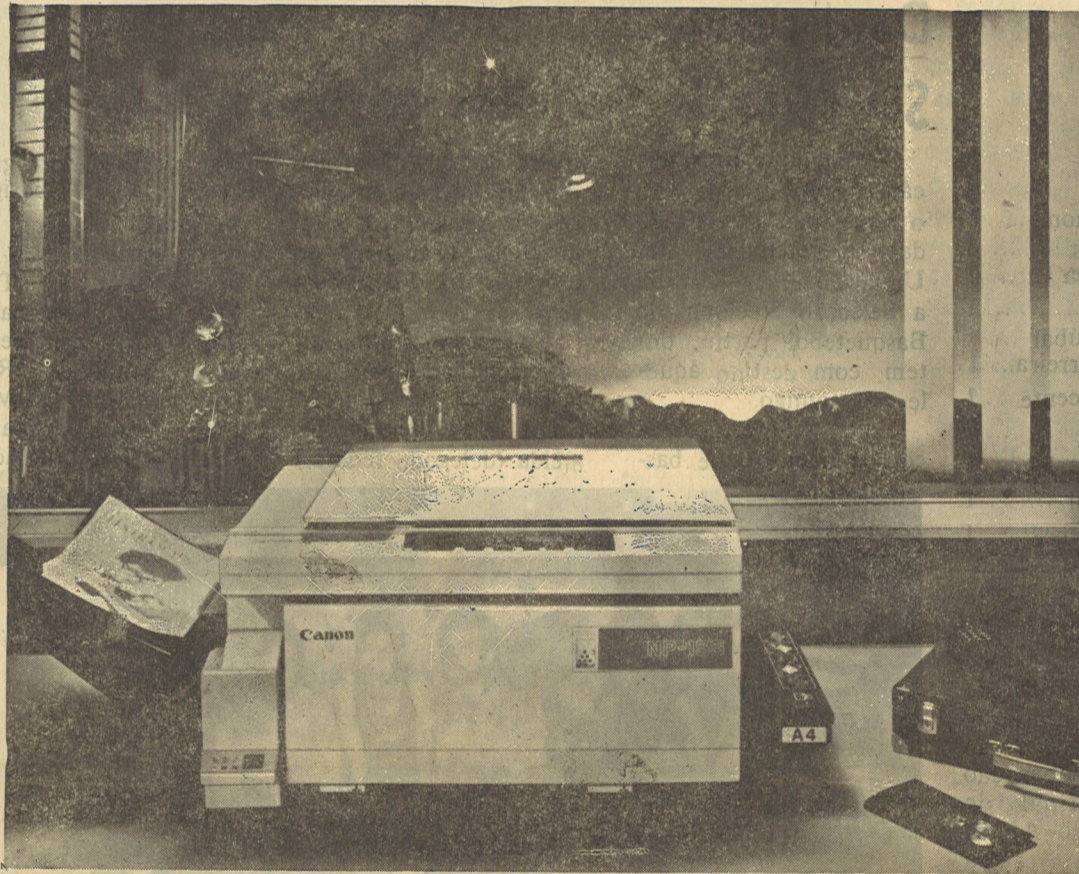
Como já reafirmámos, falou-se muito na cor-

rupção. Este ano, um dos lemas é o combate à corrupção. A corrupção é uma arma muito perigosa. Tivemos a oportunidade de nos referirmos a ela. Assim, chamamos a atenção do nosso povo sobre a corrupção. Que esteja vigilante e assuma a sua responsabilidade. Se não se esqueceram, no primeiro dia em que saí à rua, no dia 17 de Novembro ou 21 de Novembro, se não estou em erro, expliquei muitas coisas, e uma das coisas que foquei foi a minha condição no mundo, por certas pessoas. Referi, também, que iria ter inimigos. Mas, muitos inimigos, e isso é verdade. Hoje tenho muitos inimigos, sem razão para tal. Porque quê?... Porque estou a defender um princípio — a luta contra a corrupção. Quem resvalar para a corrupção, tenho de o prender, ou não estamos de acordo nisso!? («estamos») Que deixemos cada um fazer o que quer? («não»)

(Cont. no próx. número)

CANON Les Etablissements le GOUYE Représentant Exclusif de CANON

LE ZOOM.



LA COPIE SUR MESURE CANON NP155.

VOICILE COPIEUR-ZOOM, LE SEUL 15 COPIES-MINUTE A AGRANDIR ET A REDUIRE A VOLONTE, EN UN SEUL GESTE. A COPIER SUR LES FORMATS LES PLUS SPECIFIQUES. A FAIRE ENTRER AU MILLIMETRE PRES UN TEXTE OU UNE IMAGE DANS LE FORMAT SOUHAITE. A EN GROSSIR OU A EN REDUIRE A LA DEMANDE UN DETAIL ET A DONNER AU RESULTAT OBTENU LA QUALITE D'UN ORIGINAL. CANON NP155 EST AUSSI LE SEUL COPIEUR-ZOOM A VOUS APPORTER LES AUTOMATISMES CANON ET A VOUS PROPOSER TROIS COULEURS D'IMPRESSION: LE NOIR BIEN SUR, MAIS AUSSI LE BLEU ET LE SEPIA GRACE AUX DEUX BLOCS DEVELOPPEURS EN OPTION. CANON NP155, LE COPIEUR QUI A VRAIMENT TOUT POUR LUI.

JE SOUHAITERAIS RECEVOIR VOTRE DOCUMENTATION COMPLETEE SUR LE COPIEUR-ZOOM NP155 VOICI MON NOM, MON ADRESSE ET MON TELEPHONE:

NOM _____ SOCIETE _____
 N° _____ RUE _____
 VILLE _____
 CODE POSTAL _____ TELEPHONE _____

DEMANDE A RENVOYER A:

Etablissements LE GOUYE

31, Rue A. K. BOURGI

B. P. 1157 Dakar (Sénégal)

ou B. P. 272 Bissau (G. Bissau)

Canon
 HAUTE TECHNICITE. HAUTE SIMPLICITE

ONT LE PLAISIR SIR DE VOUS CONVIER LES 21 ET 22 NOVEMBRE 1985 A LA PRÉSENTATION DES COPIEURS CANON DONT LE NP 155 DERNIER NÉ DE LA GAMME —

SERONT ÉGALEMENT EXPOSÉES DES MACHINES A ÉCRIRE ÉLECTRONIQUES ET DES MACHINES A CALCULER —

HORAIRE DE 09H00 A 12H30 DE 15H00 A 19H00

ADRESSE: SALLE D'EXPOSITION, REZ-DE-CHAUSSEE DU MINISTÈRE DU COMMERCE ET DU TOURISME

AVENUE DOMINGOS RAMOS

BISSAU

Tanzânia Amnistiados presos políticos

Cerca de 2 300 prisioneiros tanzanianos foram amnistiados na passada quarta-feira, por ocasião da saída do presidente tanzaniense Julius Nyerere, substituído por Ali Hassan Mwinyi.

O Ministério dos Assuntos Internos indica, numa declaração, que esta medida abrange pessoas idosas, mães que amamentam os seus filhos, doentes e mutilados, assim como os condenados a menos de três anos e os prisioneiros cuja conduta foi estimada satisfatória.

O presidente tanzaniense concede habitualmente uma tal amnistia, por ocasião das celebrações nacionais, como no dia da independência.

Violência na África do Sul

Trezentas pessoas foram mortas após instauração de estado de emergência

Cerca de trezentas pessoas foram mortas aquando de violências políticas após a instauração do estado de emergência a 21 de Julho, em certos distritos situados perto de Port-Elizabeth e Joanesburgo, e um total de 834 mortos foram recenseados num ano, aquando dos motins que agitaram o país, anunciou o Instituto das Relações Inter-Raciais de Joanesburgo.

O comunicado foi difundido quando as violências nas cidades negras causaram pelo menos um morto, segundo fontes seguras mas oficiosas, e oito feridos, segundo a polícia, na noite de domingo para segunda-feira e que a imprensa anglófona sul-africana condenou unanimemente as restrições decididas pelo governo contra a Imprensa, nas zonas submetidas ao estado de emergência.

Segundo o instituto, o nível de violência atingido após Setembro de



1984 na África do Sul, foi nitidamente mais elevado que aquando dos dezasseis meses de violência que seguiram os motins de Soweto em 1976.

Conforme um outro organismo de defesa dos direitos do homem, o comité de apoio aos parentes dos detidos (D.P.S.C.), 68 crianças figuram entre as pessoas

mortas após 21 de Julho e 250 foram detidos sem processo.

No seu último balanço de incidentes na África do Sul, a polícia indicou que oito pessoas foram feridas na noite de domingo para segunda-feira.

Todos os jornais sul-africanos de língua inglesa, à excepção do jornal extrema-direita

The Citizen, condenam as atitudes dos racistas de Pretória.

«Se o governo crê que é, limitando o trabalho da Imprensa, que vai fazer diminuir as violências ou melhorar a nossa imagem no estrangeiro, deveria reflectir também nas consequências negativas», escreveu o Business Day, único quotidiano financeiro sul-africano.

Estado de Israel condenado pela ONU

O Estado de Israel foi condenado quatro vezes na sexta-feira, pela Comissão Política Especial da Assembleia Geral da ONU, nas resoluções sobre «as práticas israelitas» nos países árabes ocupados.

Dos sete textos apresentado e adoptados pela larga maioria, quatro condenam Israel e três deploram algumas das suas acções nos territórios ocupados.

Por outro lado, por iniciativa da Roménia,

a Assembleia Geral da ONU lançou um apelo solene a todos os países para resolverem os seus conflitos por negociações pacíficas.

Ela encoraja igualmente o Secretário-Geral da ONU a desempenhar um papel activo no termo das suas funções, para promover regulamentos pacíficos aos conflitos.

Entretanto, soube-se nos meios diplomáticos da ONU, que os

países africanos pretendem pedir ao Conselho de Segurança da ONU, que retome esta semana o exame da situação na Namíbia.

Segundo as mesmas fontes, não se exclui que reclamam ao Conselho, de impôr sanções obrigatórias contra a África do Sul para levá-la a pôr termo à sua ocupação ilegal deste território e a aceitar o plano da independência da Namíbia, elaborado há já vários

anos pela ONU, em cooperação com os países Ocidentais do «Grupo de Contacto».

A Assembleia Geral da ONU, aprovou por unanimidade o relatório da Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA), e renovou a sua confiança nesta agência.

O observador permanente da Liga Árabe junto da ONU, Clovis Maksoud, pediu ao Secretário-Geral, Javier Perez de Cuellar, a

«condenação imediata» de Israel por ter violado, no domingo, os privilégios concedidos pelas Nações Unidas aos estados membros.

Por outro lado, o diplomata britânico, Mararak Goulding, foi oficialmente nomeado Secretário-Geral Adjunto encarregado do Próximo Oriente e das Forças da Paz da ONU, substituindo Brian Urquhart, que decidiu retirar-se em Janeiro próximo.

TELEX

DESARMAMENTO

As conversações de Genebra sobre desarmamento cessaram no passado dia 7, tendo o chefe da delegação norte-americana referido que as negociações foram «produtivas» embora sem progressos de relevo.

Num comunicado divulgado após a sessão final, das conversações, que teve lugar apenas 12 dias antes da cimeira Reagan-Gorbachov, o chefe dos negociadores norte-americanos, Max Kampelman, refere que o objectivo dos EUA continua a ser «a obtenção de profundos cortes em ofensi-

vas de armas nucleares».

Referindo-se as propostas soviéticas, o negociador norte-americano disse que estas foram cuidadosamente analisadas pela delegação que chefiou e acrescentou que foram consideradas «inaceitáveis em alguns aspectos».

Uma das áreas em que as duas partes estiveram longe de chegar a acordo foi a referente as armas espaciais, particularmente a iniciativa de defesa estratégica norte-americana, o projecto «guerra das estrelas».

O chefe da delegação soviética às con-

versações, Viktor Karpov, não fez qualquer declaração após o encerramento das negociações.

SAHARA OCIDENTAL

O chefe de estado mauritaniano, coronel Maouya Ould Sid Ahmed Taya, esteve recentemente em Dakar numa visita de trabalho de 24 horas.

Um comunicado conjunto sancionando a visita sublinha a adesão dos presidentes senegalês, Abdou Diouf, e mauritaniano Maouya Taya, ao processo de paz empreendido pela Organização de Unidade Africana (O.

U.A.) sobre a questão do Sahara Ocidental.

Os dois chefes de estado «condenaram energeticamente» o governo racista de Pretória e reafirmaram o seu «apoio indefectível ao povo sul-africano em luta sob a direcção do Congresso Nacional Africano (ANC) e aos Países da Linha da Frente, vítimas de agressões repetidas do regime de apartheid».

APOIO A S. TOMÉ

A França vai oferecer a S. Tomé e Príncipe um donativo de 2,85 milhões de francos (cerca de 57 mil contos), no quadro de duas

convenções de financiamento assinadas na capital santomense.

O financiamento destina-se à compra de materiais, máquinas e ferramentas com fins didácticos, para equipar o centro politécnico de formação profissional construído em S. Tomé, com o concurso financeiro da França, no montante de dezasseis milhões e 880 mil francos franceses.

As convenções rubricadas da parte santomense pelo ministro de Cooperação Carlos Tiny e da parte francesa pelo embaixador acreditado Jackes Gas-

CEE ajuda países africanos

Os dez países da Comunidade Económica Europeia (CEE), deram «luz verde» para a realização de um programa de mais de 100 milhões de ECU (Unidades de Conta Europeia), o equivalente a (80 milhões de dólares) para ajudar a restaurar em 1986, a agricultura dos oito países africanos mais afectados pela seca.

O plano proposto aos dez pela Comissão Europeia, deve permitir aos oito países africanos mais afectados (Angola, Etiópia, Mali, Mauritânia, Moçambique, Níger, Sudão e Tchad) enfrentar melhor a eventualidade de uma nova fome e relançar a produção agrícola.

O plano a favor dos oito países, prevê o pagamento, em 1986, de 100 milhões de ECU proveniente do orçamento comunitário, a partir de programas de ajuda ao desenvolvimento não utilizados no ano passado, precisou Robert Goebbel, que presidiu a reunião em Bruxelas.

Por outro lado, «muitos países» da CEE «manifestaram a sua vontade» de acrescentar contribuições nacionais, disse a mesma fonte.

MOÇAMBIQUE

As forças armadas moçambicanas abateram nas últimas duas semanas 51 elementos da RENAMO e capturaram 20, em cinco províncias, anunciaram as autoridades moçambicanas.

As operações contra a RENAMO tiveram lugar nas províncias de Gaza, Manica, Sofala, Tete e Zambézia.



Ministro da Saúde Pública condecorado com medalha cubana

O camarada Alexandre Nunes Correia, Membro do Comité Central e Ministro da Saúde Pública foi condecorado, na passada terça-feira numa cerimónia realizada no Salão Nobre do Secretariado do PAIGC, com a medalha «28 de Setembro», na presença do Camarada Presidente do Conselho de Estado, João Bernardo Vieira.

Na cerimónia da entrega do galardão, que é destinado a condecorar cidadãos reconhecendo o seu trabalho no cumprimento das tarefas, deveres e responsabilidades para com a pátria, encontravam-se os camaradas Iafai Camará 2.º vice-Presidente do Conselho de Estado e Ministro das FARP, e Vasco Cabral, Ministro de Estado para os Assuntos Económicos junto da Presidência.

Segundo o sr. Júlio Carranza, embaixador de Cuba acreditado em Bissau, o camarada Alexandre Nunes Correia, é a primeira personalidade estrangeira a ser distinguida com esta medalha, devido à sua participação, desde muito novo, na Luta de Libertação Nacional. Em 1969, foi enviado para Cuba a fim de aprofundar os seus estudos de Engenheiro Agrónomo.

Em Cuba, o actual titular da pasta de Saúde desempenhou as funções de responsável dos Estudantes guineenses e foi membro dos Comités de Defesa da Revolução (CDR) 28 de Setembro, ocupando cargos de direcção e cumprindo a tarefa de organizar o CDR na sua zona residencial.

Ao usar da palavra, o camarada Alexandre Nunes Correia afirmou que a distinção é dirigida aos militantes do P. A.I.G.C., que, durante a Luta Armada de Libertação Nacional e, hoje, com o mesmo espírito revolucionário e patriotismo lutam pela Liberdade, Paz, Desenvolvimento e Justiça Social.

O CDR, segundo uma nota de imprensa da Embaixada de Cuba, constitui um orgulho do povo cubano. Nascido do fogo da mesma revolução, em 28 de Setembro de 1960, como resposta fulminante e combativa das massas ao terrorismo contrarrevolucionário, representa hoje a mais ampla das organizações de Cuba, com mais de cinco milhões de membros incorporados nas suas filiais, o que representa cerca de 80 por cento de toda a população daquele país com mais de 14 anos.

Libéria

Falhada tentativa de golpe de Estado

A tentativa do golpe de Estado, perpetrada terça-feira de manhã pelo General Thomas Quiwonkpa, foi abortada, declarou aos jornalistas no início da tarde do mesmo dia, o General Samuel Doe, que convocou a Imprensa no palácio presidencial de Monróvia.

Esta convocação dos jornalistas, surgiu numa altura em que todos pensavam que o presidente Doe se encontrava em fuga e em que a situação na Libéria voltava à normalidade, devida a uma contra-ofensiva do presidente liberiano, cujas tropas continuaram leais.

O General Thomas Quiwonkpa, autor da tentativa abortada, foi um dos militares cabe-

ceira do golpe de estado que em 12 de Abril de 1980, colocou Samuel Doe na presidência, derubando William Tolbert, então presidente da Libéria e da OUA, (Organização da Unidade Africana).

Na terça-feira à noite, o presidente Doe anunciava que dez soldados golpistas foram mortos e dezasseis outros detidos, tendo acrescentado que a tentativa do golpe provinha da Costa do Marfim.

Por outro lado, entre as prisões já conhecidas, figuram as do vice-presidente eleito Harry Moniba, do ministro da Justiça e da Defesa, do Chefe de Estado Maior do director da Forças de Segurança, do presidente da SECOM (Comissão

Especial das Eleições), do ministro da Informação e do ministro dos Assuntos Presidenciais.

Antes porém, a rádio de Estado que havia sido ocupada terça-feira de manhã pelos golpistas, conduzidos pelo General Thomas Quiwonkpa, havia anunciado que tomaram o poder para «libertar o povo liberiano do medo, da brutalidade e da tirania sanguinária», tendo prometido eleições livres e equitáveis.

Entretanto, um recolher obrigatório foi imposto das 18 às 6 horas GMT, e todas as fronteiras e o aeroporto de Monróvia continuam fechadas, declarou Doe, que pediu às missões diplomáticas para não arbitrarem os golpistas em fuga.

Kevingath-empresa vocacionada na reestruturação do comércio

Numa cerimónia efectuada na noite de segunda-feira no Hotel 24 de Setembro, a empresa inglesa Kevingath foi apresentada aos membros do Governo guineense intimamente ligados ao sector económico.

A empresa Kevingath (Bureau de Estudo para a Reestruturação Comercial), teve um financiamento da Comunidade Económica Europeia (CEE). Aberto concurso, a referida empresa sagrou-se vencedora.

Kevingath começou a operar em princípios

de 1984 em duas fases distintas, culminando com a proposta de um plano-director sobre a reforma do sistema comercial.

Este plano encontrou a sua aprovação em Novembro do mesmo ano, e, a segunda fase, que era de assistência técnica, foi até meados de Julho do ano em curso.

Aquela verba seria utilizada na implementação da missão principal, para a qual se lançou um concurso internacional em que se inscreveram nove empresas

também internacionais experimentadas na matéria, dos quais cinco responderam, a tempo, com requisitos, sendo seleccionado a Kevingath, empresa com experiência no domínio do Comércio por já ter trabalhado em alguns países africanos.

A assistência técnica foi aprovada e aceite pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento, que, imediatamente, desbloqueou um milhão e seiscentos mil ECUS (Unidades de Contas Europeia).



A imagem documenta a cerimónia da apresentação dos técnicos da empresa inglesa Kevingath

Gulbenkian

O Sr. Vítor Sá Machado, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, que se encontrava na Guiné-Bissau a convite do Ministério da Saúde Pública e no quadro das relações de cooperação e amizade existentes, regressou sábado a Portugal.

A visita daquele responsável da Gulbenkian sexta-feira passada com a assinatura de um acordo verbal.

O referido acordo prevê estabelecer, em protocolos, as obrigações assumidas pelas partes interessadas, nomeadamente os Ministérios da Saúde da Guiné-Bissau e de Portugal, respectivamente, Instituto português de Higiene e Medicina Tropical e a Fundação Calouste Gulbenkian, na criação do Centro de Medicina Tropical em Bissau.

Por outro lado, proceder ao estudo das necessidades a que, no actual contexto, o Ministério da Saúde Pública (MINSAP) considera minimamente básicas para melhoria da assistência, a prestar em alguns estabelecimentos, e desenvolvimento da rede de serviços de saúde, com vista ao eventual financiamento por parte da Fundação Calouste Gulbenkian.

De entre as necessidades destacam-se a criação do Centro de Medicina Tropical em Bissau, alargamento de permanência na Guiné-Bissau das missões oftalmológicas dirigidas pelo professor Dr. Ferraz de Oliveira, de 30 para 60 dias, reparação de residências em mau estado de conservação para viabilização da deslocação de missões de curta, média e longa duração, não superior a um ano, na Guiné-Bissau (capacidade 6 a 8 camas) e equipamento de serviços de anatomia patológica, radiologia electrocardiologia.

**1985 ANO DE SANEAMENTO ECONÓMICO
E COMBATE À CORRUPÇÃO**